



## AS MÚLTIPLAS FACES DA PROSTITUIÇÃO NO LIVRO *SAPATO DE SALTO*, DE LYGIA BOJUNGA

Autor: Roberto Barbosa Costa Filho (1); Co-autores: Gabriele de Oliveira Souza (2); Fábio Rodrigues da Silva (3); Orientadora: Doutoranda Aluska Silva Carvalho (4)

Universidade Federal de Campina Grande – (1) [costafrob@gmail.com](mailto:costafrob@gmail.com); (2) [gabrielesouza.cg@gmail.com](mailto:gabrielesouza.cg@gmail.com)  
(3) [rodrigues\\_fabinho@hotmail.com](mailto:rodrigues_fabinho@hotmail.com); (4) [aluska.silva@yahoo.com](mailto:aluska.silva@yahoo.com)

**Resumo:** Este trabalho busca analisar como Lygia Bojunga (2006) trabalha a temática da prostituição no livro *Sapato de Salto*, por meio das personagens Maristela, Tia Inês e Sabrina, bem como de posicionamentos das personagens Rodolfo e Dona Estefânea acerca da prática da prostituição. Em Bojunga, essas personagens não se concretizam apenas como representações de diversas faces da prostituição, mas também como meios de discussão e reflexão acerca dessa temática, de modo a concebê-la dentro de uma visão menos estigmatizada e marginalizada. Além disso, teceremos comentários sobre o ensino de Literatura, considerando que a autora é uma das mais importantes no cenário infanto-juvenil, a fim de favorecer reflexões acerca das possibilidades desta obra em sala de aula. Para tanto, nos basearemos em Vieira (2016) em relação a estudos sobre prostituição; em Cadermatori (1998), Sarmiento (2005) e Pinheiro (2006) sobre questões de literatura e de ensino.

**Palavras-chave:** Sapato de Salto, Lygia Bojunga, prostituição.

### Introdução

Lygia Bojunga Nunes é um dos grandes nomes que compõem o cenário da Literatura Infanto-Juvenil brasileira. A sua produção se destaca pela fluência entre o coloquial e o monólogo, o mundo da imaginação e a realidade, acarretando através disso uma perfeita interação com o leitor. Sempre com muita delicadeza e descrição, Lygia Bojunga trata de temas que fazem parte da sociedade e que precisam ser discutidos no universo infanto-juvenil, exercendo, através de sua literatura, um papel social para com o seu público leitor; a exemplo disso, tem-se o livro *Sapato de Salto*, publicado pela primeira vez em 2006.

A narrativa é permeada por temas atuais e por um enredo bastante realista. Muitas das temáticas presentes no livro são consideradas complicadas para serem inseridas no universo infanto-juvenil, mas são trazidas por Lygia com naturalidade e riqueza de reflexão. Temas como morte, identidade sexual, tipos de família, abandono, suicídio, abuso sexual, prostituição, permeiam a narrativa e apesentam vários caminhos em que o leitor pode percorrer para atingir maior perspectiva de sentidos sobre a história, criando com isso uma rede de leituras bastante abrangente. Assim, a escrita de Lygia vai passeando pelas várias possibilidades do sentir, unindo a realidade com o imaginário.

Nesse livro, isso ocorre da maneira mais intensa possível através de personagens extremamente atuantes no enredo e que são responsáveis pelos rumos que a narrativa leva. Nele, tem-se como palco a história de Sabrina, menina pobre, que foi abandonada no orfanato





ainda bebê e que tinha acabado de ser “adotada” por um casal que morava na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O enredo de *Sapato de Salto* é construído de modo que, depois de temáticas mais lúdicas e fantasiosas, Bojunga parte para uma escrita extremamente realista, em que, de acordo com Bortoluzi (2013), a personagem Sabrina, diferentemente de outras personagens infantis da obra literária da autora,

não possui nenhuma bolsa-esconderijo, nem casa-de-madrinha-refúgio, e não é em uma corda-bamba que ela precisa se equilibrar, mas em cima de um sapato alto. É a realidade que se impõe devastadora para essa menina de 11 anos, impelida de maneira brutalmente precoce a torna-se adulta (BORTULUZZI, 2013, p. 35).

Diante disso, tendo em consideração a importância de Lygia para o cenário da Literatura Infanto-Juvenil, este trabalho tem como objetivo realizar uma análise do livro *Sapato de Salto* e, mais especificamente, sobre a temática da prostituição entre as personagens da narrativa. Além disso, busca tecer reflexões acerca das possibilidades desta obra em sala de aula. É válido salientar, ainda, que o presente artigo, ao focar em uma das temáticas do livro, não anula as demais que não serão citadas.

## A prostituição em *Sapato de Salto*

Na narrativa de *Sapato de Salto*, uma das temáticas mais fortes trazidas por Bojunga é a prostituição. Em meio às circunstâncias da vida, na busca por soluções de extrema necessidade, as personagens Maristela, Sabrina e, mesmo que indicado apenas de forma implícita, Tia Inês vivenciam faces da prostituição.

O enredo de *Sapato de Salto* não nos é apresentado de maneira contínua, se dividindo entre a explanação dos tempos cronológico e psicológico em que um narrador com graus de onisciência múltipla nos transporta do universo da protagonista Sabrina até o de outras personagens como Tia Inês antes de uni-los em um só.

Optando por seguir a ordem dos fatos em ordem cronológica, temos a personagem Maristela, mãe de Sabrina, diante da descoberta de sua gravidez fruto de um relacionamento com um homem mais velho, casado e que não quis assumir a paternidade; nestas circunstâncias, ela sai da casa de Dona Gracinha, sua mãe, por vergonha. A Dona Gracinha tinha o sonho de dar estudos e melhores condições de vida às suas duas filhas, Maristela e Inês, ensejando vê-las como grandes professora e dançarina, respectivamente. Pela fuga de casa, Maristela, não tendo sequer o que comer, encontra como única solução para matar a fome a prostituição de seu corpo, como visto pelo trecho abaixo:

[...] Com essa barriga não arranjo emprego. Tentei de babá, faxineira, tudo. Mas não deu. Não tenho coragem de voltar para casa. O jeito foi aquele contato que lixe





# VII ENLIJE

conhece. Tem homem que gosta, não é? de trepar com mulher de barrigona. A criança está para nascer. Fico com muita fome. Fazer o quê? (BOJUNGA, 2006, p.105).

A gravidez ocorrera aos quinze anos de idade, de modo que, com a pouca idade, sem apoio, fugida, só lhe restava a prostituição ainda com a “barrigona”, já que havia homem que gostava “de trepar com mulher de barrigona”. Em meio a essa desestrutura, a personagem, após o nascimento da filha, a Sabrina, decide deixar a menina numa Casa de Menor Abandonado e se suicidar, amarrando uma pedra em seu peito e caindo no mar.

E assim a narrativa, seguindo a ordem dos fatos contados pelo narrador, tem seu início com a chegada de Sabrina, que viveu sua vida inteira até então no orfanato em que foi deixada, na casa de Seu Gonçalves e Dona Matilde e é nesse ambiente que Sabrina vai passar pelas suas primeiras experiências de assédio: Seu Gonçalves, em dada noite, visita o quarto de Sabrina e temos a chocante experiência de vê-lo “brincar de roçar o bigode” no rosto da protagonista, que sem muito entender o que acontecia acaba cedendo, sem muitas escolhas, e as cenas passam a se repetir com frequência debaixo do teto daquela casa.

De certo modo, ao passar do tempo, Sabrina passa a naturalizar as ações que experiencia e percebe que as situações estavam funcionando como um sistema de trocas, o que fica evidenciado no trecho abaixo, quando Sabrina pede um dinheirinho ao Seu Gonçalves:

[...] Quando saía falava:

- A balinha que você gosta tai na cadeira  
Ou chocolate. Ou revista em quadrinho. Ou lenço. Mas levava sempre uma coisa. E quando uma noite não levou, explicou:

- Hoje não deu tempo de comprar.

- Ah...

- Mas guarda esse dinheirinho – saiu

Sabrina levantou, pegou o dinheiro, levou para junto da janela, examinou, largou pro lado, sentou. Ficou olhando para o chão. Pegou de novo o dinheiro, dobrou devagar a nota, enfiou ela no colchão e, na outra noite, quando o seu Gonçalves já ia saindo:

- Eii! E o dinheirinho? (BOJUNGA, 2006, p.25-26).

Esse trecho representa o momento na narrativa em que Sabrina toma consciência das relações interpessoais que mais tarde resultariam na prostituição a qual a personagem se sujeita. Sabrina é resgatada pela sua desconhecida tia Inês que posteriormente também vai ser identificada como uma personagem representativa da prostituição na obra. Sabrina passa a viver com sua tia Inês e a Dona Gracinha e durante a troca de experiências as questões relativas ao assédio sexual vivida pela personagem passam a ocupar-se nas dúvidas da personagem se o que vivenciou deveria ser contado a sua nova família.





# VII ENLIJE

Mais tarde, quando Sabrina finalmente resolve se abrir com sua Tia Inês lhe dizendo precisar contar um segredo, mas tem receio de que a Tia Inês fique aborrecida com a situação, é mostrado então que a questão da prostituição na família possuía contornos bem mais extensos, o que fica evidente na maneira como Tia Inês responde ao desabafo de Sabrina:

A tia Inês baixou o papel e olhou para Sabrina.

- Taí: a tua mãe ainda não tinha feito quinze anos e já tava trepando para não passar fome. Então... – deu de ombros – eu acho que ela não ia ficar aborrecida com você, não. Ia ficar triste feito eu fiquei agora que você me contou essa história. E ia também ficar puta da vida com o tal do seu Gonçalves. Feito eu tô. Mas ia entender fácil. Feito eu entendo. (BONJUNGA, 2006, p.106).

No caso da tia Inês, irmã da Maristela, mesmo a narrativa em momento algum explicitar a prostituição dela, deixa, além dos comentários dos moradores da pequena cidade onde vive a personagem, implícitas expressões que dão a entender que, para manter o sustento do lar e cuidar de Dona Gracinha, ela fazia mais do que apenas dar aulas de dança. O trecho abaixo, diálogo de tia Inês e o Assassino, traz uma dessas expressões implícitas:

- Dando aula de dança?

- Dando aula e *fazendo tudo mais que é preciso pra dar uma vida legal pra minha família.*

O assassino não largava o ar de deboche:

- Olha que o São Jorge não vai gostar desse *tudo mais...* (BOJUNGA, 2006, p.135, grifos nossos).

Esse *tudo mais* dito por Inês e ressaltado pelo Assassino dá margem a entender que a personagem também se prostituía para proporcionar uma vida digna a sua família. Além disso, em mesma conversa com o Assassino, homem uns dez anos mais velho que Tia Inês e que ela já tivera devotado grande paixão, torna-se implícito que, nos anos que a Inês viveu com esse homem, tivera se prostituído para sustentá-lo, e que agora ele a queria de volta para levá-la novamente a essa vida:

- Agora eu sei uma zona que ‘cê vai trabalhar pra descolar muito mais grana do que descolava no Rio. – Acendeu um cigarro no outro, amassou a guimba no prato mais próximo e expeliu a fumaça tragada, estudando a tia Inês de alto a baixo: - tá em boa forma, hein? (BOJUNGA, 2006, p.131).

Por causa desse relacionamento abusivo que a tia Inês vivera com esse homem, e da volta dele que aparentava estar morto, tia Inês acaba sendo assassinada. Era ela quem tratava do sustento da casa para Sabrina e Dona Gracinha e, mesmo deixando alguns sapatos com dinheiro, pois ela escondia o dinheiro que tinha debaixo da sola de seus saltos, a situação passa a se complicar para a menina e a sua avó.





# VII ENLIJE

Dessa forma, a prostituição de Sabrina se torna necessária após a morte de Tia Inês, em que ela se vê na necessidade de prover a família (nunca passa pela cabeça da menina abandonar a Dona Gracinha, muito menos mandá-la para um abrigo). Diante disso, e depois de não restar mais nenhum dinheiro debaixo das solas dos sapatos de salto de Tia Inês, a Sabrina se vê obrigada a calçar os sapatos e adquirir o “dinheirinho” através do sexo.

A primeira vez que Sabrina se prostituíra foi com o açougueiro da cidade, o Orlando, no capinzal que fica na beira do rio, num local onde não se avista mais a cidade e “com tanta largueza de terra abandonada e de tanta moita de capim assim alto, esconderijos ideais se formam para casais que não têm medo de se deitar no mato” (BOJUNGA, 2011, p.158). O açougueiro ainda engana a menina e não paga o que havia sido combinado:

- Aqui tá o caminho por onde a gente veio. Eu vou indo na frente. Dá um tempo pra voltar: é bom que ninguém veja a gente junto. Tchau. – deu as costas.
- Ei, pera aí! – Quase num salto, a Sabrina se pôs na frente dele. – E o dinheirinho? O açougueiro procurou no bolso; estendeu uma nota para a Sabrina.
- Não foi isso que a gente combinou – ela falou com firmeza.
- O açougueiro teve uma ligeira hesitação; tirou do bolso outra nota e deu pra ela.
- Nem isso – ela disse, enfiando dentro da blusa as duas notas. – A gente combinou que era trinta, falta mais dez.
- Você não é nenhuma Inês, tá começando agora. Vinte tá muito bem pago. – Afastou a Sabrina com o braço do mesmo jeito que afastava o mato e seguia em frente. – Dá um tempo pra voltar! – recomendou outra vez. Ela ficou um tempo parada; depois se virou pro rio. (BOJUNGA, 2006, p.165).

Essa situação marca explicitamente o momento em que a relação da menina com o “dinheirinho”, iniciada a partir dos atos de abuso sexual de Seu Gonçalves, volta à história, novamente como sistema de troca, como única forma dela sobreviver e manter o sustento de sua família – a Dona Gracinha. Esse fato fica bem mais claro no diálogo abaixo, entre Sabrina e Paloma. Esse trecho da narrativa marca o “amadurecimento” da menina e torna perceptível como a morte de tia Inês foi decisiva para que ela tivesse que optar por prostituir-se para manter esse lar:

- E o que que você é?
- Puta, ué.
- A resposta deu um susto na Paloma. Ela se endireitou na cadeira:
- Que que é isso, Sabrina? que brincadeira é essa?
- [...]
- E por que que você diz que é puta?
- Puta não é quem descola uma grana pra fazer coisa que homem quer que a gente faz quando fica pelada?
- [...]
- E... É isso que você faz? – a Paloma acabou perguntando.
- E cobro trinta reais. O açougueiro me sacaneou, só quis me pagar vinte. Mas quando aquele cara da padaria veio aqui me assustar eu disse logo: trinta; e adiantado. Ele pagou. (BOJUNGA, 2006, p.213-214).





# VII ENLIJE

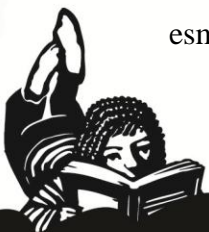
Nessa conversa entre Paloma e Sabrina, é possível perceber a situação em que a menina se sujeitava, expressa com um tom realista. No decorrer de toda a obra, muito se é evidenciado que Sabrina é apenas uma criança, e isso amplia ainda mais a percepção do leitor sobre a personagem. O fato de Bojunga (2006) trazer à tona uma temática tão forte e intensa em um livro direcionado para o público juvenil o torna capaz de perpassar por uma perspectiva amplificada sobre a função que a sua literatura exerce, nesse caso, sobre uma temática social extremamente delicada, mostrando, através das personagens, as múltiplas faces que existem na mesma.

Nesse sentido, a temática envolve, sobretudo, as condições que as personagens se encontram, dialogando com aspectos sociais tão evidentes que passam despercebidos cotidianamente. Outro fato perceptível em Lygia Bojunga (2006) ao trazer essa temática, é então a representação dos sujeitos que a mesma envolve, a descrição das características da personagem tia Inês subtende para o leitor a sua realidade, embora, como foi dito anteriormente, seja algo que não é afirmado de fato. Isso se justifica na seguinte descrição:

Uma mulher na casa dos trinta esperava de braços cruzados. Primeiro, o olho da Sabrina se prendeu no olho da mulher; depois, subiu pro cabelo: ruivo, farto, uma mecha loura daqui, um encaracolado de lá; desceu pra orelha: argolona dourada na ponta; atravessou pra boca: o lábio era grosso, o batom bem vermelho; mergulhou no pescoço: conta de vidro dando três voltas cada volta de uma cor; o olho ganhou velocidade, atravessou o decote ousado, meio que tropeçou na alça da bolsa e foi despencando pro cinto grosso (que cinturinha ela tem!), e pro branco apertado da saia, e pra perna morena e forte que descansava o pé num sapato de salto. Bem alto. Unha da mão pintada da mesma cor do batom. (BOJUNGA, 2006, p. 27-28).

As características da tia Inês, descritas no primeiro momento em que ela se faz presente na narrativa, dialoga com a realidade que a mesma enfrentava. Assim, a temática da prostituição não é posta como um tabu, mas sim como algo que existe e que acontece na sociedade, apresentando ao decorrer de toda a obra fatores que interferiram diretamente na vida das personagens. O fato é que a narrativa vai apresentando para o leitor as faces da tia Inês, da Sabrina e da Maristela, enxergando-as como sujeitos e descrevendo sucintamente as diretrizes que as levaram para essa situação.

É pertinente considerar que, embora a temática seja um tanto forte para o público a que o livro é direcionado, a linguagem de Bojunga (2006) é extremamente sucinta, delicada, mas também realista. Apresenta a realidade, mas também mostra as vivências das personagens, que são tão fortes e essenciais para todo o desenrolar de da narrativa, com muito esmero e precisão.





# VII ENLIJE

Voltando à Sabrina, por exemplo, apesar de ter sido vítima do abuso sexual, não tinha a sua a sexualidade formada, ainda era uma criança que estava enfrentando momentos complicados de sua vida. Em um de seus diálogos com Paloma, ela relata que ainda é pequena, e usa esse fato como justificativa para as dores que sentia durante as relações sexuais. Isso é perceptível no seguinte trecho:

- *Você já perguntou a você mesma se... se você... “ia ser puta”, feito você diz, caso sua tia não tivesse morrido?*

- *Não! Não! É ruim! Eu sou pequena aqui também. Dói quando entra, é ruim, não gosto. É ruim quando acaba também.* (BOJUNGA, 2006, p.219, grifos nossos).

No trecho acima, percebe-se mais uma vez que essa realidade vivenciada pela menina não se tratou de uma escolha; que a morte da tia Inês, que sustentava a casa, foi decisiva na vida de Sabrina, o que contribuiu diretamente no resultado de suas ações. Bojunga (2006), com isso, traz à tona a dureza de uma situação tão delicada, que foi capaz de mudar diretamente o destino da vida de uma criança.

Lygia ainda coloca em sua obra, sob a perspectiva de outros personagens como Rodolfo e Dona Estefânea, a maneira com a questão da prostituição é comumente vista pela sociedade. É fácil perceber isso nos seguintes trechos:

- Já que você conhece a menina e a velha que continuam morando na casa amarela, você deve saber, talvez melhor que ninguém, que a velha é desregulada da cabeça e a menina já foi contaminada pela doença da tia, que se passava por professora de dança, mas que você – fulminou Paloma com um olhar de reprovação – deve saber tão bem quanto eu que eram *outras* coisas que ela ensinava. (BONJUNGA, 2006, p.227)

- [...] Pois fica sabendo que a “tua filha adotiva” é uma prostitutazinha. Zinha, não: puta mesmo. De pega homem na rua e tudo. Aprendeu com a tia, que agora todo mundo sabe o que que ela era (BOJUNGA, 2006, p.240).

É possível notar pela maneira como as personagens falam do assunto que elas denotam certo preconceito e repulsa por questões que tangem a prostituição. A Dona Estafânea chega a considerar uma doença, algo repugnante, enquanto Rodolfo reduz a condição a algo desprezível. Sobre isso, Vieira (2016, p.17) cita que:

Tomada como um dado externo, a prostituição passa a ser objeto de investigação dos romancistas, cabendo à construção literária representar as condições da prostituta, embora isto possa se apresentar como um tema doloroso, haja vista o sofrimento de meretrizes que, encaradas como objeto, são reduzidas ao estado de “coisa”, instrumento de sua própria carne, ou como ameaça real à manutenção da família, e por isto são lançadas à margem da sociedade, que as discrimina e as rejeita por “disseminar” uma chaga social que afeta o casamento, instituição privilegiada pela

(85) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





cultura patriarcal. Desse modo, a prostituição poderia também ser uma maneira de desestruturar o matrimônio ou com ele acabar. (VIEIRA, 2016, p. 17).

Outro ponto pertinente com a temática da prostituição é o que foi vivenciado por Maristela, visto que a mesma, em busca de sustento, se submeteu a essa realidade. Lygia Bojunga (2006) retoma durante todo o percurso da narrativa uma temática que dialoga com inúmeros conflitos sociais, que intrinsecamente não envolve uma só personagem, mas outras, costurando com isso uma narrativa pautada em assuntos reais que fazem parte do cotidiano na sociedade em que vivemos. O leitor olha para uma temática como essa, considerada tabu, sobre outro olhar, visto que ao ter contato com as personagens na narrativa, o mesmo se torna capaz de amplificar o seu modo de enxergar os acontecimentos da história.

## **O Sapato de Salto e o ensino de Literatura**

No que diz respeito à Literatura Infanto-Juvenil, muito se é pensado, em um primeiro momento, em temáticas voltadas para a fantasia, o imaginário, situações que dialogam diretamente com a fase vivenciada por seu leitor. Cadermatori (1998) afirma que esse diálogo é fundamental para existência de uma interação entre um livro e quem o lê, para que o leitor, no âmbito da experiência literária, possa realmente imergir na história e vivenciar a narrativa de acordo com o que por ela é apresentada.

Tendo como base o livro *Sapato De Salto*, as temáticas que permeiam a sua narrativa são fortes e intensas, sendo algumas delas: abuso sexual, sexualidade, prostituição, etc. Nesse caso, é perceptível que são temáticas não tão comuns no universo da Literatura Infanto-Juvenil; entretanto, Bojunga (2006) aborda isso de forma delicada, sucinta e precisa, trazendo à tona circunstâncias sociais, políticas e históricas vivenciadas pelas personagens, e ampliando assim a percepção do seu leitor sobre a realidade apresentada.

Nesse sentido, pensando então em uma perspectiva educacional, um fato a ser analisado é justamente a possibilidade de como trabalhar esse livro, cheio de temáticas tão intensas, com alunos do ensino médio. Assim, trazendo à tona o que é apontado por Sarmiento (2005) no que diz respeito à necessidade da existência de uma interação literária com esses jovens, deve haver um modo em que eles possam construir suas percepções sobre a narrativa.

É importante apontar que, embora se tratem de temáticas tão delicadas e polêmicas, são necessárias, visto que, em uma situação de ensino/aprendizagem significados sobre a narrativa podem ser construídos, justificados, discutidos, repensados e ampliados. Portanto, é pertinente considerar o que Pinheiro (2006) aponta, sobre o quão fundamental é trabalhar o







# VII ENLIJE

ensino de literatura de forma clara, mas cativante, para que os alunos possam, de certo modo, construir suas percepções sobre a história.

Pensar em um ensino que forme seres humanos emancipados, cidadãos crítico é possibilitar a eles o contato de discussões também como as trazidas pela obra de Bojunga, em especial a temática da prostituição; é permitir a visão de múltiplas faces, e o livro *Sapato de Salto* se adequa muito bem quanto a isso. Além disso, a sala de aula é um espaço propício para a leitura enquanto experiência, descoberta e construção de sentidos, e também um meio para a discussão sobre questões de impacto social, o que justifica a vivência da obra.

Defendemos, dessa forma, que a obra deve ser lida efetivamente, compreendendo que a leitura seja um momento importantíssimo e indispensável de contato direto do aluno com o texto. Apesar de ser um livro extenso, a leitura em sala de aula, o compartilhamento de sensações, a construção coletiva de sentidos é bastante rica e, além do contato com a obra literária, permite o entrosamento da turma, a troca de experiência, as leituras outras que cada um possui.

Nesse sentido, o papel do professor nesse momento é de fundamental importância para agir como mediador do processo e suscitar reflexões nos alunos a partir, inclusive, de questionamentos. É indispensável que as temáticas, as personagens sejam amplamente debatidas, a partir das mais diversas opiniões e leituras dos alunos. Acreditamos também que uma forma oportuna de enriquecer as percepções sobre a obra seja o *diário de leitura*, espaço no qual os alunos terão a oportunidade de escrever as suas impressões, os sentimentos despertados, um espaço para recepção individual da obra.

De acordo com Nascimento (2016, p. 95), o diário de leitura possibilita que o aluno pode dialogar reflexivamente com o texto lido, o que proporciona também a evocação de seu repertório prévio de leituras e vivências. Além disso, possibilita a própria construção de sentidos, por meio do posicionamento e do questionamento sobre a leitura, e a exposição dos sentimentos e da subjetividade vivenciada com o contato ao texto, fornecendo a escrita de vivências do seu contato com a obra.

Dessa forma, restringindo então essa análise sobre a perspectiva de apenas uma única temática, sendo ela a da prostituição, é válido apontar que os elementos através dos quais, durante a narrativa, Lygia Bojunga (2006) aborda essa temática em seu livro, proporcionam um diálogo indireto entre autora e leitor de uma maneira intrínseca, fazendo-o durante toda a leitura construir percepções sobre a narrativa.





## Considerações finais

Na obra aqui analisada, a prostituição é apresentada de maneiras múltiplas – sob a representação de alguns personagens na obra e da visão social de outros – de modo a construir um diálogo que se sustenta na humanização de Sabrina, Inês e Maristela que tiveram suas vidas jogadas ao acaso da sorte e dos seus acontecimentos. Desse modo, em *Bojunga*, a prostituição não se cumpre apenas como características das personagens apontadas e das suas vivências, mas principalmente como uma denúncia social dos problemas e da marginalização às quais são destinadas as pessoas, principalmente mulheres, que convivem diariamente, e são obrigadas a tal, com essa realidade.

Sob esse prisma, Lygia entrega uma obra de cunho sociopolítico notório, e a prostituição é demarcada não somente como pano de fundo na extensão de temas marcados em *Sapato de Salto*, mas como um dos mais decisivos para a contemplação do enredo e de suma importância para a construção da identidade das personagens, sobretudo da protagonista Sabrina.

## Referências Bibliográficas

BOJUNGA, Lygia. **Sapato de salto**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

BORTOLUZI, Jemima Stetner Almeida Ferreira. **Calçando um Sapato de Salto: um estudo da recepção de temas polêmicos por jovens leitores**. 2013. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. *O diário como aliado para a leitura do texto literário: entre subjetividades e o protagonismo leitor na escola*. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Revista 18 volume 1, p. 92-115, Jan-Jun 2016.

PINHEIRO, José Hélder. **Literatura: Ensino e Pesquisa**. 3.ed. Paraíba: Bagagem, 2011.

SARMENTO, M. J. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa Editores, 2004. p. 35-54.

VIEIRA, Patrício de Albuquerque. **Epitáfio para Luísa e Irene: prostituição, solidão e morte no romance brasileiro**. 2016. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

